O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2006 - ANO X - Nº 110

EDITORIAL

A FPV comemora nesse 15 de março sua data magna. Ela nasceu e se desenvolveu graças a um conjunto de ideais fecundos brotados das mentes sadias de homens que cultivavam o amor à pátria. Após o trabalho e empenho de influentes personalidades civis e militares e de anônimos operários, a Fábrica pôde ser inaugurada pelo presidente Afonso Penna, naquela manhã de 1909.

Com essa inauguração, concretizava-se um intenso programa voltado para a defesa nacional. Nascia a primeira fábrica de pólvoras, cujos propelentes dariam ao Brasil lugar de destaque no cenário internacional, pois era vanguarda no gênero no continente sul-americano.

Ao longo das décadas pôde-se constatar o progresso dessa fábrica transformada em orgulho da defesa nacional. Ela procurou satisfazer as necessidades exigidas pelas Forças Armadas, dentro dos recursos que lhe eram proporcionados. Desde a primeira direção até as últimas, todos, de modo patriótico, procuraram elevar o nome da Fábrica, buscando dar-lhe desenvolvimento compatível com as suas finalidades. Somente quem conhece esse complexo parque industrial e acompanha de perto a programação a que se submete pode argumentar e expor as exigências que se fazem necessárias. Desde a fabricação das pólvoras de base simples às de base dupla, ou ainda de dinamites e ácidos, sente-se o peso da alta responsabilidade frente aos graves problemas mundiais.

Com a criação da IMBEL, em 1977, a FPV tornou-se sua unidade número 1. No entanto, crescentes dificuldades financeiras por que vem passando a empresa repercutem diretamente na FPV e, conseqüentemente, em Piquete, que se desenvolveu graças à instalação da Fábrica e à geração de empregos a milhares de seus moradores.

A Fábrica foi e continua sendo a viga mestra a sustentar o município. Por isso, ao comemorarmos seus 97 anos, desejamos que sua adminstração e o governo federal concentrem esforços na busca de resoluções para as dificuldades por que passa e que ela volte a receber investimentos, a se modernizar e produzir como no passado, reafirmando sua vocação e importância estratégica na produção de material bélico para as Forças Armadas, necessárias à defesa nacional e, conseqüentemente, à nossa soberania.

Foto Arquivo Pró-Memória

Da água depende a vida. Para continuarmos a desfrutar desse recurso, são necessárias políticas públicas ambientais consistentes e a conscientização da comunidade sobre a necessidade de seu uso racional.

Pode ser a gota d'água...

Dentre os desafios que os piquetenses deverão enfrentar nas próximas décadas, talvez nenhum seja tão intimidador quanto o da falta de água. Pode parecer estranho e paradoxal falar em escassez numa região cercada de montanhas e com inúmeras nascentes – Mantiqueira: local onde nascem as águas.

No entanto, assistimos, nos últimos anos, a uma paulatina diminuição do volume de água em nossos rios. O problema não ocorre somente em Piquete. A redução do volume de água é um fenômeno mundial que tende a crescer, colocando em risco a civilização. Apesar de o Brasil abrigar a maior quantidade de água doce do planeta, em muitas regiões o racionamento é uma constante, fruto da má administração dos recursos e de precária infra-estrutura. O impacto causado à natureza pelo crescimento desordenado das cidades, o desmatamento e a destruição de mananciais tendem a agravar o problema, uma vez que a disponibilidade e a qualidade dos recursos hídricos estão intimamente ligados às florestas que protegem as nascentes e mananciais e os mantêm limpos. A cobertura florestal melhora o processo de infiltração e armazenamento de água, além de diminuir o escoamento superficial que, se não for adequado, pode causar enchentes.

Até há pouco tempo prevaleceu a crença de que a água era um recurso inesgotável. Hoje, sabe-se que, se não mudarmos nossa relação com a água, estaremos em situação muito séria num futuro bem próximo.

A solução para esse grave problema passa por uma mudança no modelo de desenvolvimento adotado pelas cidades. É necessário que se priorize a questão ambiental, apesar de novas tecnologias e de os meios acadêmicos buscarem respostas para as questões apresentadas. A resposta só virá se houver, por parte da sociedade, uma nova cultura e nova ética da água. O consumo desmedido e, principalmente, o desperdício, precisam ser revistos. Cidades como Piquete, onde a rede de distribuição é antiga, o desperdício gerado por vazamentos de água tratada é grande. No momento em que a questão água passou a ser discutida em todo o mundo, preocupados com a finitude e vulnerabilidade desse precioso líquido, os governos começaram a colocá-la como prioridade.

Sabemos que as questões relacionadas à produção, captação e distribuição de água não são fáceis. No entanto, muitos municípios estão solucionando esse problema. Basta nos espelharmos em experiências bem sucedidas e adaptá-las à nossa realidade. Nesses municípios houve um contínuo trabalho de conscientização da população. Diferentes setores da comunidade aderiram a essa causa em diversas frentes de ação. É hora de Piquete acordar para tão grave questão, pois, se protelarmos por mais algumas décadas, poderá ser a gota d'água...

Imagem - Memória

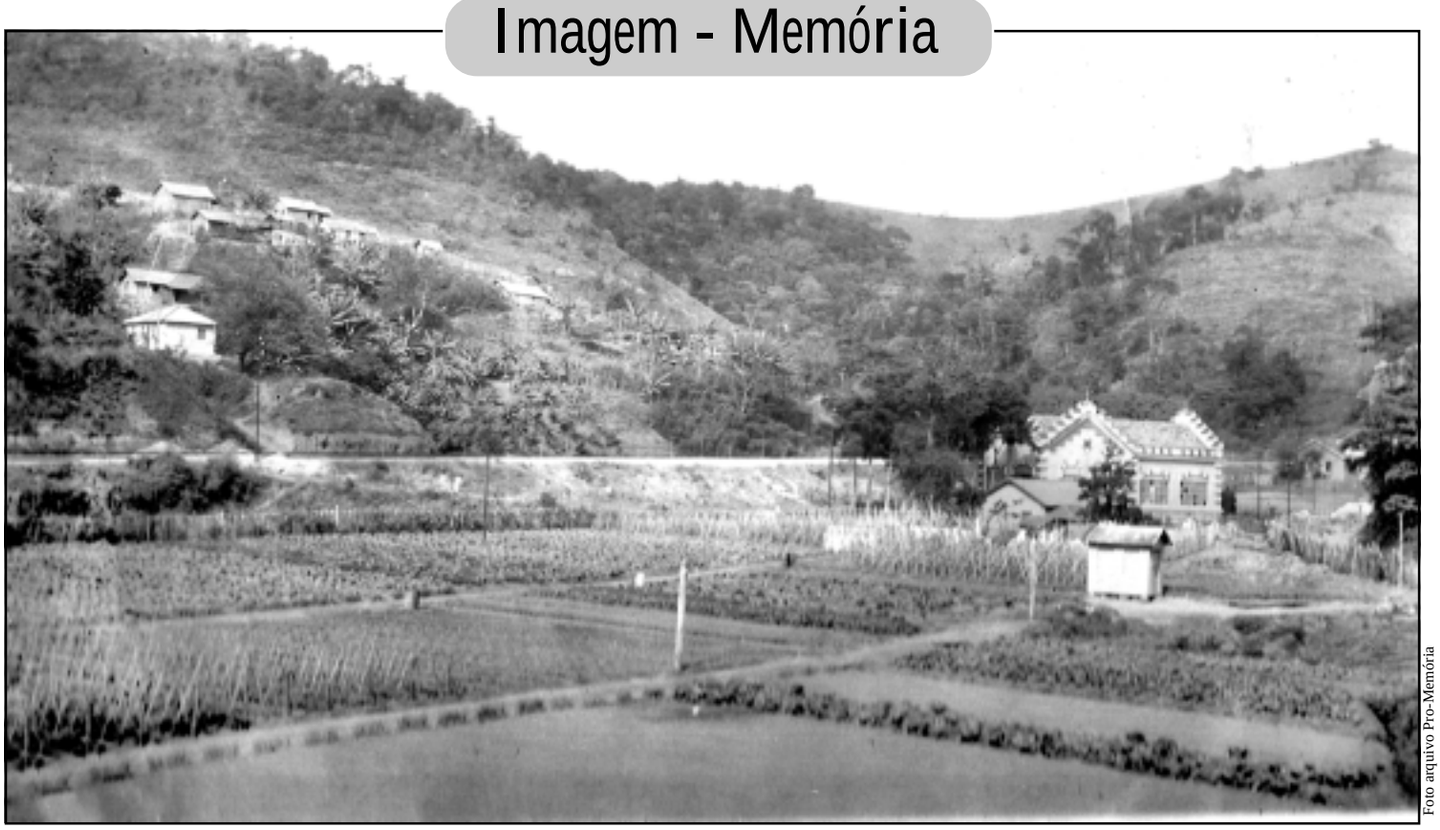


Foto arquivo Pro-Memória

A Horta da FPV, durante a II Guerra Mundial, produzia para o refeitório da fábrica, onde eram servidas milhares de refeições a um contingente de operários que trabalhava diuturnamente, num esforço de guerra. Foto de 30 de dezembro de 1947.

A Horta da Fábrica

Quem se dirigisse à FPV, nos idos de 1940 e 50, observaria, à margem direita do ribeirão Sertão, próximo à Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, uma extensa e bem cuidada horta que, durante todo o ano, produzia verduras e legumes de excelente qualidade. Nas encostas, do outro lado do rio, milho e feijão eram plantados em profusão. Dava gosto ver a simetria das leiras.

Essa horta, que atraía o olhar de todos os transeuntes, era supervisionada tecnicamente pelo professor José de Souza Leite, formado em horticultura, e pelos funcionários Júlio Sardinha, Manoel Gomes e Valentim Pinho, encarregados de coordenar os trabalhos do dia-a-dia de aproxima-damente doze operários da Fábrica, que se revezavam no plantio e colheita das hortaliças.

A horta era uma atividade do Clube Agrícola Duque de Caxias, instituição extra-classe pertencente ao Círculo da Juventude de Piquete, criado em 1942 pelo major José Pompeu Monte, e fazia parte da Escola de Aprendizagem da Fábrica. Sua origem, no entanto, é anterior à criação dessa Escola. A horta da Fábrica foi a resposta a um esforço de guerra – bem antes de o Brasil declarar guerra à Alemanha, os meios de comunicação noticiavam que o país poderia vir a se envolver diretamente nesse conflito e que dias difíceis de escassez e carestia eram esperados. O desenrolar da guerra na Europa e o afundamento de navios brasileiros em águas territoriais, por submarinos nazistas, levaram o governo Vargas a declarar guerra à Alemanha e baixar o Decreto nº 10.358, de 31 de agosto de 1942, que conclamava toda a sociedade a se mobilizar num esforço de guerra. Entre outras medidas, todos deveriam se voltar para a defesa do território nacional, de maneira que a população se mobilizasse em ações de caráter econômico, militar, de propaganda, da mão-de-obra e de trabalho, necessárias à defesa da nação. A situação peculiar do município que abrigava a maior indústria bélica da América Latina, a exemplo das cidades litorâneas, tornou-o zona de guerra a receber cuidados especiais. Piquete se mobilizou. Acatando o Decreto federal quanto à obrigatoriedade do ensino prévio de defesa aos alunos de todos os estabelecimentos educacionais, a Escola de Aprendizagem da Fábrica passou a ministrar aos alunos instruções práticas no seu campo de treinamento. O informativo do Círculo da Juventude de Piquete, "O Profissional", passou a publicar noções básicas indispensáveis à população: - "Estamos em guerra. Aprende a defender-te contra ataques aéreos!". Dava, também, orientações sobre economia e horticultura, estimulando hortas caseiras. Tudo voltado para o esforço de guerra.

Os alunos do Aprendizado Industrial, que, até então, visitavam a horta da Fábrica, num misto de curiosidade e lazer passaram a freqüentá-la com maior assiduidade e a receber ensinamentos básicos de horticultura, uso e manuseio do solo, importância das águas e das florestas, entre outros... No "O Profissional", o professor José de Souza Leite mantinha uma coluna "A Voz Hortícola", em que ensinava conceitos de horticultura de guerra à população.

A Fábrica, por sua vez, dobrou sua produção. Trabalhava diuturnamente. Houve a contratação de centenas de novos operários. Para sua segurança, um batalhão veio destacado para Piquete. A população da cidade cresceu substancialmente. A Horta da Fábrica colhia cada vez mais, abastecendo o refeitório e as residências dos operários e particulares a preços módicos.

Nesse período de guerra, Piquete viveu uma experiência educacional sem precedentes. Mérito do major José P. Monte, mentor intelectual desse feito. Após a criação do Aprendizado Industrial, criou a Escola Industrial Feminina, seguida do Ginásio, Jardim da Infância, Escola Normal... O padrão de qualidade era notável... Tudo para atender a juventude. Até para os desajustados pensou-se numa oportunidade: a Escola Agrícola. A Horta da Fábrica é considerada o início dessa bem sucedida experiência. Mas essa é uma outra história...

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

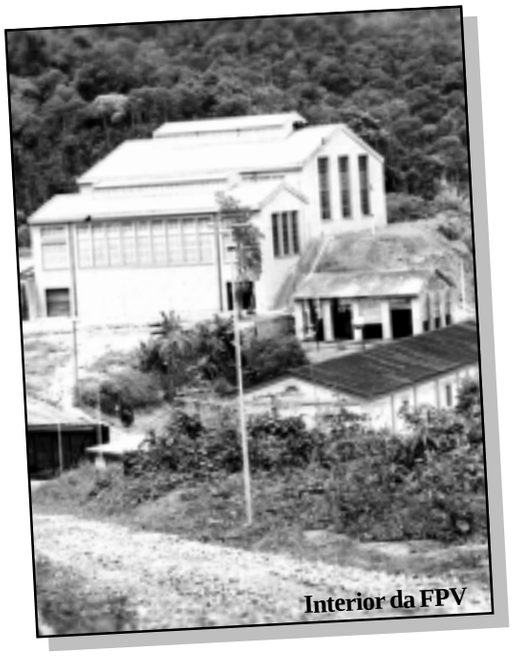
GENTE DA CIDADE

Benedito Molinari

Na rua Cel. José Mariano, em Piquete, reside um guardião da memória da FPV: trata-se de Benedito Molinari, antigo funcionário dessa indústria que tem muitas histórias para contar.

Nascido na Fazenda do Campinho, em Lorena, a 6 de outubro de 1913, é filho do italiano José Molinari e de dona Maria Eduardo Molinari, que trabalhavam naquela propriedade do Conde Moreira Lima.

Molinari cursou, aos seis anos de idade, o primeiro ano do Grupo Escolar na Escola Coronel Barreiros, onde foi aluno de Dona Rosa Del Mônaco. Em 1919, o pai adquiriu uma chácara no centro de Lorena e a família se mudou. Concluiu o primário na cidade e, mais tarde, já adolescente, aprendeu o ofício de alfaiate. Na alfaiataria em que trabalhava entrou em contato com Argemiro Palma, antigo funcionário da Fábrica de Piquete, que o aconselhou a procurar emprego naquela indústria. E assim ele fez... Pegou o trenzinho "piqueteiro" na manhã seguinte e rumou para Piquete. Foi admitido em 8 de maio de 1939, durante a administração Gomes Carneiro. Meses depois eclodiu a II Guerra e a Fábrica de Piquete aumentou sua produção. Seu Molinari, que trabalhava na 3ª Divisão, na oficina de Latoaria (Funilaria), produzindo "cunhetes", passou a trabalhar numa nova máquina, fazendo tampa de cunhetes para a guerra. Por sua determinação e liderança, assumiu a frente da produção coordenando uma equipe de quinze operários. Cada um devia soldar 76 cunhetes por dia, número considerado elevado. "A jornada era das 7h às 23h30min, diariamente, sem folgas..." A produção do dia era transportada para a carpintaria e encaixotada. Reconhece que o serviço era estafante, acrescentando que "...fazia parte do esforço de guerra, no qual toda Fábrica estava engajada naquela época."



Interior da FPV

"Quase nem via minha família...", admite. Apesar de tudo, trabalhava com muita vontade, pois, casado desde os 20 anos com Elzira Azevedo Molinari, já contava com três filhos...

Após a guerra, seu esforço e desempenho foram reconhecidos e passou a ser o responsável pela oficina. Sua dedicação, técnica e senso de praticidade concorreram para novas promoções e logo chegou a mestre. De sua ficha funcional constam mais de 15 elogios, sempre pautados na eficiência dos trabalhos.

Seu Molinari conhecia como poucos as plantas das oficinas de produção e quando algum problema surgia, lá estava ele para solucionar o que para os outros parecia impossível.

Após 32 anos de dedicação à FPV aposentou-se, tendo sido convidado a continuar nessa indústria. Logo depois, no entanto, deixou a Fábrica para trabalhar na J.Armando.

Em 1974 faleceu sua esposa. Seu Molinari casou-se em segundas núpcias com Marli Ferreira Lino, com quem teve mais um filho. Aos 92 anos Benedito Molinari mantém vitalidade, bom humor e raciocínio rápido. Diz que, apesar de não ter ficado rico, agradece a Deus a energia que lhe permitiu trabalhar, e, com as três licenças-prêmio de que foi merecedor, pôde comprar a sonhada casa própria.

A todo momento demonstra sua paixão pela Fábrica. Apesar de ela ter-lhe tirado um filho e dois cunhados e ser um lugar de risco, entende sua importância para o país, nosso município e sua história.

Declaração Universal dos Direitos da Água

Em 22 de março de 1992, a ONU (Organização das Nações Unidas) instituiu o "Dia Mundial da Água", publicando a "Declaração Universal dos Direitos da Água"

- A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade, cada cidadão, é plenamente responsável aos olhos de todos.

- A água é seiva de nosso planeta. Ela é condição essencial de vida de todo vegetal, animal ou ser humano. Sem ela não poderíamos conceber como são a atmosfera, o clima, a vegetação, a cultura ou a agricultura.

- Os recursos naturais de transformação da água em água potável são lento, frágeis e muito limitados. Assim sendo, a água deve ser manipulada com racionalidade, precaução e parcimônia.

- O equilíbrio e o futuro de nosso planeta dependem da preservação da água e de seus ciclos. Estes devem permanecer intactos e funcionando normalmente, para garantir a continuidade da vida sobre a Terra. Esse equilíbrio depende, em particular, da preservação dos mares e oceanos, por onde os ciclos começam.

- Á água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo aos nossos sucessores. Sua proteção constitui uma necessidade vital, assim como a obrigação moral do homem para com as gerações presentes e futuras.

- A água não é uma doação gratuita da natureza; ela tem um valor econômico: precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa, e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo.

- A água não deve ser desperdiçada, nem poluída, nem envenenada. De maneira geral, sua utilização deve ser feita com consciência e discernimento, para que não se chegue a uma situação de esgotamento ou de deterioração da qualidade das reservas atualmente disponíveis.

- A utilização da água implica em respeito à lei. Sua proteção constitui uma obrigação jurídica para todo homem ou grupo social que a utiliza. Esta questão não deve ser ignorada nem pelo homem, nem pelo Estado.

- A gestão da água impõe um equilíbrio entre os imperativos de sua proteção e as necessidades de ordem econômica, sanitária e social.

O planejamento da gestão da água deve levar em conta a solidariedade e o consenso, em razão de sua distribuição desigual sobre a Terra.

"Histoire de l'Eau", Georges Ifrah, Paris, 1992

A outra história

"O óbvio esconde segredos." (Adélia Prado)

Há uma História, digamos oficial, isto é, aceita por todos, modelada que foi para ser paradigmática. Pensada como História perfeita, é repetida, inexorável, pronta e acabada. Nela vivem os heróis, humanos projetados por hierarquias ou autoridades justapostas, às quais foi delegado o poder, que as significa, e no qual elas se mostram em espelhos aceitos como verdadeiros. Não tente contrariá-la. Essa História contém lições irredutíveis, repetidas por didáticas claras e acabadas. Fotografias as ilustram – são os lugares de memória fixada.

Dos bancos de escola aos lares, e no imaginário são referências aprendidas e arranjadas como "fatos". Edificadas com perenidade, são apanágio de gerações que as recebem, para serem consolidadas e passadas à frente. Relíquias.

Há outra História, a que olha para a imagem oculta na lente transversal do espelho. Ela está, por exemplo, nas entrelinhas dos documentos oficiais, ou mesmo particulares, como cartas, bilhetes, registros de agendas e ainda boletins, folhetos e ordens, além de relatos orais.

Mas ela está também impregnada nas paisagens, nos locais e nas pessoas que os dinamizam. São os não-heróis. As pessoas que, na genérica ordem, admitidas como de modelo, são chamadas os "humildes", os "simples", formas delicadas de colocá-los na base da pirâmide. Isto é, no lugar que lhes cabe. Lá embaixo. Sustentadores. Os do trabalho não qualificado. Aos quais se bate nas costas, com um sorriso condescendente, buscando o apoio humanitário para promover a garantia do aplauso, quando dele o hierarquicamente acima precisa para lustro próprio. Que seria de César sem os desfiles dos escravizados pelo jugo das derrotas na Roma imperial, em que os prêmios da vitória eram exibidos a todos como troféus?

A outra História é, então, a dos vencidos ou dos desprivilegiados. Nas marcas humanas, são aqueles que habitam as casas que são construídas com o máximo esforço, por etapas distanciadas no tempo, no aguardo de oportunidades, geralmente onde os terrenos são menos valorizados e a infra-estrutura urbana não se encontra plenamente realizada.

Nas crônicas do mestre Chico Máximo (Crônicas de Cidadezinha, FCR, 2005) são encontrados muitos desses anônimos habitantes, como Nhá Dita e a filha Maria Antônia, Nhá Dita que sonhava a iluminação a velas do Morro do Cruzeiro, e tinha um filho longe, de nome João e codinome Ferrão. Ah! As mansas pretas-velhas resguardadas nos seus lugares. E ainda mais, as carregadoras de almoço dos

que, de vida arriscada, trabalhavam na Fábrica de Pólvoras, a sonhar uma aposentadoria de que, sabe Deus, iriam usufruir, ou pudessem a ela chegar, já com o corpo comprometido ou marcado por eventos trágicos. Por que esses também são parte dessa História. Fazem parte, como nosso amigo Pedro Coelho, a nos dizer numa data natalícia, quando lhe foi oferecida uma fatia de bolo: "Aceito, sim, porque amanhã não tem mais". No dia seguinte, Pedro foi vitimado numa explosão, deixando Maria, sua amada esposa. No cemitério municipal, a cruz de Pedro, estilhaçada ao lado de muitas outras e de um monumento, são um relato dessas histórias simples. Lá estão, ao lado da Dama de Branco, das hierarquias proprietárias que Chico Máximo biografou. Também em referência premonitória, Odila, segundo o cronista, "foi para não voltar", pelo menos não em vida. De sua biografia o cronista fez emergir figura pontuada de excelência nos salões da oligarquia. Lembremos que da solidez desmanchada no ar, dos operários vitimados, evanesce a memória do desfile dos vencidos.

Quem precisava trabalhar, sem maiores alternativas, aceitava o jogo da sorte. Os balcões da Cantina, nas compras de abastecimento, das farmácias e dos bares serviam de pontos de encontro para essas histórias retratadas como "anônimas", segundo a apresentação da obra do cronista, e, como contribuição para a "construção de nossa cidade". E assim, não apenas "singelas", mas formadas de tantas memórias registradas ao gosto, principalmente dos próprios protagonistas dessa outra História que o professor aprendeu a vislumbrar em meio às pipas e aos papagaios, às flores sazonais, às quermesses, às procissões e ao acalanto do lar, onde as ouvia, recortadas de afetividades, ou presenciava, para preservá-las.

Portanto, a expressão "retratadas" da apresentação das Crônicas não deixa de ter sentido, pois é da imagem transcrita em palavras que resulta a rememoração, segundo o prefácio de José Luiz Pasin, "da Piquete de outrora, mais serena, mais lógica, mais verdadeira".

Assim, nessa outra história, insere-se a do ribeirão Piquete, que foi limpo, saudável, caudaloso (não apenas nas enchentes) e que hoje está reduzido a esgoto a céu aberto, sem vida e cheio de lixo, de águas turvas, não de sedimentos minerais, mas de substâncias a exigir cuidados. Esta é parte da chamada História Ambiental, novo ramo pesquisado na área da História, preocupada não só com o registro da memória do passado, mas principalmente com a História do presente quanto à qualidade de vida. Essa outra história se presentifica nos morros ameaçados pelas erosões que, no estado latente, abrem sulcos e voçorocas, para depois detonar barreiras impeditivas do trânsito e arrastar pedras ameaçadoras das contruções.

Também essa outra história se revela nos verdes da mata homogênea dos eucaliptos, que vão fornecer lenha para siderúrgicas, não deixando nada para trás, a não ser solo seco e mananciais aqüíferos esgotados.

Diz um aforismo russo que "nada é tão imprevisível quanto o passado". Então, veja-se o presente e o que dele se pode fazer, já que não se pode mudar o que passou.

Dóli de Castro Ferreira

8 de Maio - Dia Internacional da Mulher

Uma sociedade moderna, democrática, tem que reconhecer à mulher o direito de participar ativamente da vida política, cumprindo-lhe criar as condições favoráveis para que exerçam esse direito todas as que o desejarem.

Fábrica Presidente Vargas Passado, Presente e Futuro

Em 1905, Piquete foi a cidade escolhida para a construção da primeira fábrica de pólvora sem fumaça do país, fruto dos avanços no setor provenientes dos conflitos entre franceses e alemães.

Aspectos estratégicos, sanitários, técnicos e políticos levaram à decisão de que, em 15 de março de 1909, fosse inaugurada a atual Fábrica Presidente Vargas.

Entre esses aspectos, podemos citar o excelente clima da região, a fartura de madeira (para lenha e construção), a existência de muita água, a topografia acidentada da Serra da Mantiqueira (proteção natural), a exuberância da mata atlântica (auxílio ao clima ameno), a distância de regiões povoadas, a eqüidistância das duas principais capitais do País (Rio de Janeiro e São Paulo) e a influência de políticos da região, inclusive do Presidente da República, que era fazendeiro em Guaratinguetá e amigo dos produtores rurais de Piquete.

Fazendo um paralelo com os dias atuais, vemos que quase nada mudou em relação a esses aspectos. Mesmo não sendo da região, o Presidente da República continua a nos ajudar, bem como o Vice-Presidente e Ministro da Defesa, e o Comandante do Exército e o Chefe do Departamento de Ciência e Tecnologia são Cidadãos Honorários de Piquete.

A ação conjunta do Executivo, do Legislativo, do setor religioso, do Sindicato e dos funcionários foi uma demonstração de força e luta pela manutenção de um ideal: a preservação da Fábrica Presidente Vargas. Quero deixar meus agradecimentos muito especiais à Vereadora Evelize Maria Monteiro Chaves dos Reis e à Srta. Ana Maria Gouvêa, pelo apoio prestado nas horas difíceis.

A visão estratégica do passado perpetua-se no presente, e tenho certeza de que é uma visão futurista. A soberania do País depende dos meios de que dispõe para sua defesa. Não podemos ficar dependendo de fornecimentos externos para nossa segurança. O legado dos nossos antepassados tem que ser preservado.

A idéia de defesa do século passado permanece viva atualmente e permanecerá ao longo dos anos vindouros. Fazer parte da Base Industrial Mínima de Defesa e produzir materiais de defesa (pólvoras, propelentes e explosivos) para as Forças Armadas e Auxiliares, bem como os seus derivados de uso civil, é nossa missão. Ser auto-sustentável, referência nacional e instrumento de projeção da indústria de defesa brasileira, nossa visão de futuro.

Se no passado tivemos nossa Bandeira agraciada com a Ordem do Mérito Militar (1962), em 2005 fomos agraciados com a Placa de Prata pela Câmara de Vereadores de Piquete, pelos bons serviços prestados à "Cidade Paisagem" e aos piquetenses.

A modernização de equipamentos, a melhoria dos processos e do tratamento de efluentes, a descoberta, pelos próprios funcionários, de soluções caseiras para problemas antigos, o desenvolvimento e a pesquisa de novos produtos, a preocupação cada vez maior com a segurança e a proteção ambiental são pilares de sustentação da nossa Fábrica Presidente Vargas.

Em 1905, começamos nossa caminhada. De subordinada ao Exército, passamos a fazer parte da Indústria de Material Bélico do Brasil, em 1977. Em 2006, nosso lema é ***"IMBEL Forte Outra Vez!"***

Ao completar seus 97 anos de existência, a Fábrica de Pólvora sem Fumaça (1909), Fábrica de Pólvoras e Explosivos de Piquete (1936), Fábrica de Piquete (1939) e Fábrica Presidente Vargas (1942) tem todos os motivos para comemorar a sua escalada de glória. Os feitos do passado e as tradições da FPV não podem ser esquecidos. A marca IMBEL e o nome do Exército Brasileiro são aliados fortíssimos para que retomemos o caminho da vitória, pois a qualidade e a excelência de nossos produtos foram e continuam sendo reconhecidas por clientes antigos e novos.

Parabéns, Fábrica Presidente Vargas!

Fernando Antônio Veloso Manguinho,
Gen. Bda. R/1
Superintendente da FPV

Nos 97 anos da Fábrica Presidente Vargas

A instalação de um estabelecimento fabril do porte da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça em Piquete, no dia 15 de março de 1909, provocou verdadeira revolução na pequena Vila Vieira do Piquete.

Com a súbita mudança decorrente do aumento populacional, uma vez que recebeu operários de diferentes lugares do país, a cidade se desenvolveu. Vilas operárias foram construídas. Investiu-se em educação, cultura e lazer. As obras sociais proporcionadas pela Fábrica aos seus operários, e que se estenderam a todos os munícipes, estão indeléveis na memória.

A partir de sua inauguração, essa indústria bélica passou por surpreendente crescimento, modernizando-se e ampliando suas instalações ano a ano, tornando-se um complexo fabril voltado para nossa soberania. Piquete orgulha-se de abrigá-la, pois, além de gerar empregos movimentando sua economia, é guardiã de parte significativa da memória do município, com a preservação de importantes monumentos de valor histórico-arquitetônico, bem como um fragmento de Mata Atlântica, rico em biodiversidade. A FPVé orgulho não somente de Piquete, mas de todos os brasileiros.

Ao comemorarmos os 97 anos de sua inauguração, nossas homenagens a todos os que, nas funções civis e militares, emprestaram valiosa colaboração para a contínua edificação desse patrimônio nacional, baluarte da defesa nacional.

****

Fotos Arquivo Pró-Memória

Usina Hidrelétrica

Antiga sede da FPV

Prédio da Diretoria da IMBEL

Crônicas Pitorescas

PT do V

José Palmyro Masiero

Tenho um amigo, o Zecão, que é do mesmo partido nosso: o "PT do V" – Partido dos Torcedores do Verdão. Nesse partido não há a necessidade de filiação, pois simplesmente vem do amor ao Palmeiras. "Cá entre nós", o Bouéri, mesmo que não queira, é membro do partidaço. Mas estou a fim de mandar uma fala mesmo é para o Zecão. Como amigo pessoal e de torcida, estou me propondo a enviar-lhe, podemos dizer, umas regrinhas, para evitar que ele se torne igual a alguns torcedores de alguns timinhos que existem pelaí.

Seguinte, amigão: ouvi dizer que no trabalho, ao invés de se dedicar ao que está fazendo com todas suas energias, estas estão sendo gastas numa masturbação emocional sobre o que nosso time anda aprontando. Isso é mal. Quando tomei conhecimento dessa atitude, foi que notei alguns sintomas de que está precisando de uma ajudazinha. Neurose é um troço chato. E seu resultado veio por você mesmo quando me disse:

– Cara, não fiz nada o dia inteiro e estou no maior bagaço! Levanto cedo mais cansado do que quando fui deitar. Tenho a impressão que passei a noite trocando socos com o Maguila!

Isso é consequência do seu estado. Como sua saúde é de ferro, considerei oportuno mandar-lhe alguns princípios que vão ajudá-lo a sair dessa. Leve-os a sério e siga-os à risca:

1 - Para início de conversa, não adianta ficar xingando o time; que o meio de campo engata e desengata sem mais nem menos. Que há dez anos não sente o gosto de um título. Lembre-se de que outros timinhos já passaram por isso. E por maior número de anos! Deixe de ser agoísta e pensar que é só o verdão que encrenca. Não reclame de derrotas, bicho! Pense assim: duas equipes jogam; logo, se uma ganhar, outra tem "que perder". No empate sempre considere que poderia ser pior.

2 - Não fique com pena de si mesmo quando o Palmeiras perder e que a fubecada vai ser difícil de engolir com as gozações que advirão. Um dia é da caça, outro do caçador. Não vá a extremos. Nem se leve muito a sério, como torcedor único a sofrer. Sorria. Não deixe este prazer apenas para os vencedores. Não se de esqueça de que existe juiz pra pagar o pato.

3 - Não dê bola para comentários dos outros. Mágoa, cara, é pura dor de cotovelo. Existem alguns até que são imbuídos de boas intenções quando falam do nosso timaço. Tenha em conta, a todo momento, que o que vem de baixo não nos atinge!

4 - Não fique sonhando que o time vai ser Campeão Brasileiro, depois campeão da Libertadores e em seguida do Mundo. Manere a coisa. Para melhor encaixe dos golpes, pense primeiro na classificação. Já é lucro. Se esta não vier, nada de indignação. Tabela mal feita. Ano que vem estaremos no lance.

5 - Evite o mais possível tentar analisar a tática do time. Deixa isso pra lá. É dor de cabeça para técnico, não para nós. Não fique discutindo se foi ou não bom negócio terem vendido o Edmar, quando poderiam ter ficado com ele mais o Mirandinha. Mumunhas da diretoria. Desengraxe a mente.

6 - Finalmente, esse negócio de "se seu time venceu, comemore com..." ou "se seu time perdeu, console-se com..." é propaganda, nêgo. É bom parar de encher a cara toda vez que o Palmeiras ganha ou perde. Qualquer resultado virou motivo! Devagar com o andor!

Pronto, Zecão. Conselhos de amigo que melhorarão se forem seguidos à risca, essa doença nervosa que não ataca o sistema nervoso e, por isso, é difícil de ser detectada. Não queremos vê-lo neurótico. Sabe como é: nesse nosso partido só entra torcedor de alto nível.

Siga as regras. Se a coisa ficar preta mesmo, na pior das hipóteses você pode, em última instância, vir a ser um torcedor do Sobradinho. Mas a gente vai entender!

Olho de vidro

Edival da Silva Castro

Claudecir Bezerra aos onze anos de idade sofreu um acidente automobilístico e perdeu a vista direita. De clínica em clínica conseguiu, depois de muito custo, fazer uma prótese. Pôs um olho de vidro que lhe caiu bem: as pessoas que não o conheciam, nem notavam a perfeição da cirurgia reparadora. De óculos ray-ban, cresceu entusiástico e esqueceu a tragédia que o acometera.

Claudecir conseguia, com habilidade, tirar e colocar o olho de vidro ao seu belprazer. Por essa façanha ficou conhecido pelo apelido de "Olho de Vidro".

Olho de vidro daqui, Olho de vidro dali.

Certa vez, andava pela cidade com um tampão na vista. Ao passar pela praça principal um senhor, seu conhecido, que costumava ficar por ali tomando a fresca aos pores-do-sol, juntamente com amigos, quando o viu:

– Hein, hein Claudecir, o que houve agora?

– Não, não foi nada, seu João! Foi apenas um incidente de percurso!

– Que isso Claudecir, conta-me o que aconteceu?

– Sabe, seu João, hoje cedo, ao lavar o rosto, tirei o olho para melhor fazer a higiene, coloquei sobre o tanque; nisso, chegou um pato, abocanhou o olho.

– Mas, meu filho, por que você não matou o pato?

– Seu João, o pato que engoliu o olho se mandou no meio dos outros sessenta, como iria saber qual era?

– Então, seu Claudecir, faltou-lhe artimanha! Pegasse pato por pato e virasse o traseiro de cada um para a lua: o traseiro que lhe desse uma piscadela seria o dono da arte.

Gargalhadas encheram a praça.

Depois dessa, Claudecir saiu às pressas a fim de providenciar outro olho.

Hino da Fábrica Presidente Vargas

Letra: *Cel. Sílvio Lourenço Scheleder* ***Música:*** *João Evangelista*

Companheiros, é nessa grota
Encravada na Mantiqueira
Que nossas Forças Militares
– toda Defesa Brasileira –
Na Terra, no Mar e nos Ares:
Vêm buscar o seu alimento,
Toda a energia
De sua artilharia,
Toda a Metralha
Do Campo de Batalha!

Piquete!
Tua brilhante história
Vibrante como um hino
Selou o teu destino
De glória!
Posto avançado
Abençoado
E varonil,
Tu nasceste, na verdade,
P'ra defesa do Brasil!

Nos 97 anos da FPV, as homenagens de "O ESTAFETA" a todos os que, nas funções civis e militares, emprestaram sua valiosa colaboração para a edificação contínua desse patrimônio nacional, baluarte da defesa e segurança do país.

Olhando o retrato

Olhar retrato, no exercício da memória, é fazer aflorar matéria indissolvida pertencente às escolhas pessoais de valor, cujos contextos são do campo afetivo. Não é o mesmo que olhar registros instantâneos dotados de efemeridades: festas que se repetem, encontros sociais arranjados pelas conveniências e interesses, diluidores do momento, a serviço do que, misturado a tudo, serve para não significar, senão ilustrar. Colocado num canto da memória, à espera de se tornar cúmplice de um desejo manifestado pela voracidade consumista de imagens, e remeter-se ao prazer visual apenas, sem "aborrecidos" textos. Assim, reconhecidos como formas, sem internalizar sentidos e, muito menos, contextos. Fruição.

Mas, do que quero me ocupar é de um retrato de escola primária, mais precisamente do Grupo Escolar de Piquete, cujo nome foi mudado para Antônio João, e de quem muita gente sabe muito pouco.

Pois bem, estão lá as crianças alinhadas com a professora ao lado. O ano, 1938. As crianças, meninas à frente, meninos atrás, olhando para a câmara escura, preparados para uma formalidade que se oficializava nas escolas. A professora, Dona Tereza de Mello, alfabetizadora emérita, postada em posição lateral, simbolizando o culto à autoridade, concede ao retrato a autenticidade para representar o primeiro ano do primário, ao qual somente se chegava ao se completar sete anos de idade. As crianças, democraticamente colocadas, representantes da escala hierárquica no arcabouço sócio-econômico, encaram o futuro contido na memória do passado e na perspectiva do presente, como se percebessem testemunhas de algo novo, mas não totalmente perceptível.

Aquela aura de mistério no espaço de lugar e tempo, em que o retrato é organizado como cena fixa. Os velhos retratos são assim, dotados de colocação em cena, seja das unidades familiares, dos conjuntos musicais, dos alunos da escola e do catecismo e até dos soldados das revoluções a se postarem para as câmeras. A partir das duas guerras mundiais, essa providência foi mudando em benefício do flagrante, do instantâneo histórico. Alguns desses se tornaram emblemáticos. Revelando movimento, não mais fixidez.

No retrato infantil citado como tema desta crônica, encontram-se crianças identificáveis pela memória, cúmplice, traiçoeira e perigosa. Memória que nos castiga porque nos dá prazer em contraposto encaixe num jogo de avanços e recuos, dúvidas, angústias, deleites e aflições.

Ora, admitidas essas contingências, o olhar toca, em foco afetivo, Neycir Pfeil. Descendente do clã dos Relvas, sua mãe era sobrinha de Dona Mariana e do Coronel Luiz Relvas, destacados proprietários no território piquetense. O avô, tenente coronel João Eduardo Pfeil, foi diretor da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, de 30 de dezembro de 1925 a 4 de abril de 1929. Uma referência histórica na marca da contemporaneidade da comemoração centenária do estabelecimento fabril.

Neycir Pfeil, no retrato escolar, remete-se, pelo fugidio do momento, ao encarar um fotógrafo oficial, a um tempo futuro presentificado para ser transmudado em lembranças. A minha, particularmente, sua companheira do banco escolar, e do retrato, com a memória viva de uma traquinagem, "enganando a professora por uma mentira branca", para conseguir uma folga – enforcar a aula, pela alegação do aniversário de Dona Mariana, atribuição falsa, logo descoberta e de conseqüência amarga. Nossas famílias desconcertadas perante a professora pelas maquinações de duas meninas de sete anos, em seus primeiros momentos escolares. Mas, Neycir, minha cara amiguinha, marcou, comigo, uma experiência indelével de saborosa permanência: usufruímos, felizes de uma bela tarde ensolarada ao embalo do balanço de cordas ajustado na mangueira copada do imenso quintal de Dona Mariana.

Dedico à Neycir esta anotação.

O retrato de nossa classe perpetua nosso prazer.

Dóli de Castro Ferreira

A ampliação do Ensino Fundamental produzirá um salto qualitativo na educação?

Laura Cristina Chaves

Talvez! "No Brasil, como não acertamos com os caminhos tradicionais, nosso sistema educacional tornou-se permeável a toda sorte de inovação", escreveu recentemente Cláudio de Moura Castro na Revista Veja, ao analisar qualidade e inovação na educação. Baseado nisso, é preciso avaliar com cuidado as promessas de que a ampliação do ensino fundamental para nove anos seja capaz de produzir um salto qualitativo na educação. Trata-se de uma nova política pública.

Entendendo política como um curso de ação, às vezes de não ação, decidida por autoridades públicas para solucionar problemas ou implementar determinadas áreas, é pertinente examinar em que medida essa política é baseada em evidências e dados que possam legitimá-la. Toda política pública deveria ser definida levando-se em conta os mais diferentes aspectos que estarão envolvidos na sua implementação e continuidade.

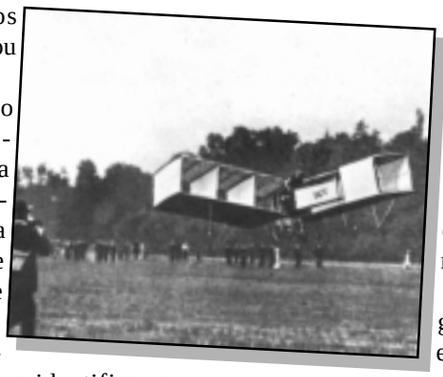
Na política em questão, a ampliação provoca conseqüências na proposta pedagógica, no programa e currículo do ensino fundamental, na organização do espaço físico da escola e nos aspectos financeiros. Além disso, evoca muito trabalho, em especial, um investimento efetivo na formação do profissional que irá atuar no primeiro ano do ensino fundamental, ou seja, com as crianças de seis anos.

Diante do quadro em que se apresenta a atual educação básica brasileira, cujos problemas são graves e complexos, não se pode esperar que a ampliação provoque um significativo salto de qualidade. Por outro lado, espera-se que não se agrave ainda mais a situação problemática do ensino. Acima de tudo, espera-se que a criança seja respeitada, que não deixe de brincar e de se expressar. Que não seja exposta a um modelo pedagógico de repetição e treinamento de exercícios com o intuito de antecipar os conteúdos dos anos subseqüentes do ensino fundamental.

Assim, ao ampliar o ensino fundamental para nove anos, os sistemas de ensino devem atentar principalmente para a intenção da medida e definir claramente os objetivos e conteúdos pedagógicos. Devem ainda, considerar a capacidade de sustentabilidade, de credibilidade e de equidade social da nova política. Para além da simples inovação, a educação carece de medidas que lhe assegurem qualidade.

De Sagres a Bagatelle: encurtando distâncias

Registramos em nossa história das revoluções científico-tecnológicas: a primeira, comandada pelo infante Dom Henrique, que encaminhou para o possível as Grandes Navegações; a segunda, fruto de gênio de Santos Dummont, que encurtou distâncias pelo ar.



Copiei a expressão revolução científico-tecnológica da geógrafa brasileira Bertha Koiffmann Becker, professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Há 25 anos percorrendo a Amazônia para identificar as necessidades de seus habitantes – para ter uma "visão macro e articulada das demandas", assim resume suas conclusões: "Preservar, sim, mas é preciso descobrir formas de atribuir valor econômico aos recursos naturais."

O Brasil, segundo a professora Bertha, realizou nos últimos tempos, três grandes revoluções científico-tecnológicas: a da pesquisa petrolífera em águas profundas, a do álcool combustível e a da soja adaptada ao cerrado.

Falta agora a quarta revolução: a da pesquisa destinada a identificar o valor econômico da biodiversidade amazônica.

Que seja aceita e implementada a proposta, porque vai trazer bons frutos para a ciência brasileira e para a vida dos amazônidas.

Mas eu não deixaria de sugerir uma quinta revolução.

Uma vez que o nosso gênio é, acima de tudo, encurtador de distâncias, que tal tratar o tema dentro do território nacional?

Chegou a hora de decidir. Rodovias? Ferrovias? Hidrovias? Ou "mares nunca dantes navegados"?

Como transportar sem destruir, sem poluir e sem desperdiçar?

Sagres e Bagatelle hão de criar aquela atmosfera de instigação que faz brotar as grandes revoluções.

Abigayl Léa da Silva

Atividades da Fundação Christiano Rosa

☑ A Fundação Christiano Rosa estará iniciando, neste mês de março, os trabalhos de seu projeto "*Comitê das Águas: Suporte Operacional para Encontros Técnicos e Capacitação para Elaboração de Projetos*", financiado com recursos do Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO).

Nesta primeira etapa, estará promovendo entre os dias 25 e 26 de março e 1 e 2 de abril, em Piquete, um curso de Capacitação para Elaboração de Projetos, que contará com a presença de diversos especialistas em temas relacionados à elaboração de projetos e obtenção de financiamentos voltados à preservação de recursos hídricos, entre eles o renomado consultor Ricardo Falcão, que falará sobre Metodologia da Elaboração de Projetos.

Até o encerramento desta edição de "O ESTAFETA", já haviam confirmado presença 84 pessoas de cidades do Vale do Paraíba, todos representantes das Prefeituras Municipais, dos Comitês das Águas Municipais e de ONGs, conforme prevê o projeto.

☑ Continuam os trabalhos do projeto "Revegetação de Áreas Riberinhas das MBH's do Tabuleta e Benfica, Piquete/SP", que vem promovendo, entre outras atividades, cursos de Educação Ambiental e de Viveiristas . Desenvolvido pela FCR com recursos do Fundo Estadual de Recursos Hídricos, o projeto tem como principal objetivo a revegetação de uma área de um hectare que servirá como modelo para futuros projetos de revegetação em Piquete. Visando a esse trabalho, já foi entregue ao FEHIDRO um levantamento de Áreas de Preservação Permanentes prioritárias para o reflorestamento no município. Atualmente, a etapa de manutenção das mais de 2.500 mudas plantadas vem sendo mantida, com a utilização de mão-de-obra local.

Trechos de áreas ribeirinhas em que houve reflorestamento

Fotos Arquivo Pró-Memória

Nota da Cidade

☑ ***FCR participa de Simpósio***

A Universidade do Vale do Paraíba (Univap), em parceria com o Comitê das Bacias Hidrográficas do Rio Paraíba do Sul (CBH-PS) e o Instituto de Estudos Vale-paraibanos (IEV), realizará, nos dias 16 e 17 de março, no Centro de Planejamento e Desenvolvimento da Educação (Ceplade) da Univap, em São José dos Campos, o Simpósio ***"O Rio Paraíba do Sul – passado, presente e futuro".***

Serão realizadas conferências programadas, comunicações orais, mesas-redondas e exposições com o objetivo de propiciar estudo e reflexão sobre a história, a utilidade e os problemas do Rio Paraíba do Sul, a partir de observações científicas e profissionais voltadas para a qualidade de vida e o bem-estar da população.

A FCR estará participando do Simpósio com um stand em que estará expondo imagem de parte dos trabalhos que vêm desenvolvendo nesses seus quase 10 anos de existência. Compareçam e participem

☑ ***Carnaval da Alegria 2006 em Piquete***

A população e muitos turistas das cidades vizinhas lotaram a Praça Duque de Caxias todas as noites de Carnaval.

No domingo, dia de desfile, as escolas de "Unidos da Vila São José" e "Unidos do Brás", além de blocos como "Equipingão", "Pé de Cana" e outros, animaram as pessoas que os aguardavam nas arquibancadas da Av. 15 de Março, demarcada pelo Pórtico da FPV. Parabéns à organização!

EDITAL

O Meritíssimo Juiz Eleitoral Substituto da 337ª Zona Eleitoral - Piquete, no uso de suas atribuições legais,

TORNA PÚBLICO a todos quantos o presente edital virem ou dele tiverem ciência relação contendo os nomes e os números de inscrição de eleitores que deixaram de votar em três eleições consecutivas, que ficará disponível em cartório, para conhecimento dos interessados que, por força do disposto nos arts. 7°, § 3°, e 71,V, do Código Eleitoral, deverão ter as respectivas inscrições canceladas.

Pelo presente, ficam os referidos eleitores cientificados de que o não comparecimento ao cartório eleitoral, para comprovação do exercício do voto, o pagamento da multas correspondente ou justificação de ausência, no prazo de 60 (sessenta) dias, a contar do dia 30.01.2006, implicará o cancelamento automático das inscrições, nos termos dos §§ 6° e 8° da Res. TSE n° 21.538, de 14.10.2003

E, para que se lhe dê ampla divulgação, inclusive nos meios de comunicação existentes nas localidades abrangidas pela zona eleitoral, determinou o Excelentíssimo Senhor Juiz Eleitoral fosse afixado o presente edital no local de costume. Dado e passado nesta cidade de Piquete, aos 30 de janeiro do ano de 2006, Eu, Nilza A da Siiva, Chefe do Cartório, preparei e conferi o presente edital, que é subscrito pelo MM. Juiz Eleitoral Substituto, Dr. Paulo Roberto Cichitosi.

Paulo Roberto Cichitosi

Juiz Eleitoral Substituto da 337ª Zona